

A interação entre pares no momento da brincadeira livre

Mara Lisboa e Silva ESECS¹, IPLeiria
Isabel Simões Dias, IPLeiria, CIEQV², NIDE³, GPC⁴

RESUMO

Ao longo dos últimos anos, o estudo da interação entre pares nos primeiros anos assumiu um lugar de direito na investigação em educação de infância. O presente estudo qualitativo, de cunho descritivo e exploratório, teve como objetivo identificar e descrever o tipo de interação que predominava entre pares em contexto de brincadeira livre, na creche. Centrando a sua atenção numa criança de 21 meses, recolheram-se dados através de gravações de vídeo que, a posteriori, foram sujeitos a uma análise de conteúdo. Os resultados revelaram que a criança em estudo interagiu predominantemente não-verbalmente (através do olhar, do toque, da proximidade física, da disputa de objetos, da expressão facial, da imitação, de gestos e da observação de ações), reforçando a ideia da criança pequena como um ser competente que encontra formas diversificadas para comunicar com os outros.

Palavras-chave: Interação, crianças, brincadeira livre.

ABSTRACT

Over the past few years, interaction study in the early years has taken a rightful place in childhood education research.

This qualitative study was descriptive and exploratory, aimed to identify and describe the type of interaction that prevailed among children in free play setting, in the nursery. Focusing your attention on a child of 21 months, collected information through video recordings that previously were subjected to content analysis.

The results revealed that the child in the study interacted predominantly non-verbally (through look, touch, physical proximity, the dispute objects, facial expression, imitation, gestures and observation of shares), reinforcing the idea of small child as a being competent finding diverse ways to communicate with others.

Keywords: Interaction, children, free play.

INTRODUÇÃO

Qualquer ser humano, para sobreviver, tem necessidade de comunicar. Neste sentido, é natural que crianças pequenas comuniquem e interajam entre si (Richter & Barbosa, 2010) em contextos diversos. Em contexto de creche, os momentos de brincadeira livre constituem-se como oportunidades de interação entre pares incentivando a comunicação através de gestos, de olhares, de expressões faciais ou de vocalizações (Basei, 2008; Borges e Salomão, 2003). Fomentando a autonomia, a socialização, a curiosidade e/ou a linguagem, a brincadeira ativa o desenvolvimento da criança, estimulando o progresso de habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, emocionais e cognitivas (Teixeira & Volpini, 2014).

De acordo com Mesquita (1997), as interações sociais podem ser verbais e não-verbais. As interações verbais ocorrem quando dois sujeitos comunicam entre si, utilizando o discurso oral (Silva & Almeida, 2013). As interações não-verbais dizem respeito à comunicação sem discurso, sem utilizar palavras/sons (Mesquita, 1997; Miranda & Senra, 2012; Silva, Brasil, Guimarães, Savanitti, & Silva, 2000). Ainda que distintas, estas duas formas de interação complementam-se, contribuindo para o desenvolvimento do *self*.

A criança, nos primeiros dois anos de vida, ainda não utiliza o discurso oral, mas socorre-se de vocalizações, isto é, realiza movimentos com os seus lábios, expelindo ar e emitindo sons (Alexandre & Vieira, 2004). De acordo com Antunes e Rocha (2009), num processo de desenvolvimento harmonioso, a criança a partir dos 20/24 meses, produzirá certas palavras com sentido (como, por exemplo, “olá” e “bebé”) ainda que continue a reproduzir vocalizações sem sentido (por exemplo, quando grita).

¹ Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

² Centro de Investigação em Qualidade de Vida

³ Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação

⁴ Centro de Investigação em Qualidade de Vida

De acordo com Bee e Boyd (2011a), as crianças pequenas comunicam fundamentalmente, não verbalmente, nomeadamente através do olhar, do toque, dos gestos ou da proximidade física, imitando o outro nas suas ações.

O olhar, constituindo-se como um dos elementos essenciais para o estabelecimento das primeiras interações entre pares (por exemplo, a brincar, a criança desvia o seu olhar para o seu par), facilita o envolvimento com o outro e/ou com a tarefa (Alexandre & Vieira, 2004; Moura, Ribas, Seabra, Pessôa, Júnior e Nogueira, 2004). Conforme França-Freitas e Gil (2012) e Papalia, Olds e Feldman (2009), é através do olhar que a criança observa as ações dos outros, interessando-se (ou não) por as realizar com o outro ou por as imitar, aprendendo (novos) comportamentos (França-Freitas & Gil, 2012; Moura & Ribas, 2002; Oliveira & Ferreira, 1993).

Em contexto de creche, outra forma de interação entre pares é a disputa de objetos entre si. Esta disputa aumenta a sua probabilidade de ocorrência, sempre que o número de objetos é escasso (Garcia, Almeida, & Gil, 2013; Sager, Sperb, Roazzi & Martins, 2003).

Para Júnior, Sprovieiri, Kuczynski e Farinha (1999) e Mendes e Moura (2009), é através da expressão facial e dos gestos que a criança se exprime, revelando as suas emoções (por exemplo, tristeza e alegria) face à situação que está a viver (Alexandre & Vieira, 2004; Basei, 2008; Bee & Boyd, 2011a).

O toque, seja aquele que é realizado através do contacto pele com pele, através de carícias (interações afetuosas que envolvem abraços, beijos, mimos) ou de agressões (ações que têm o objetivo de causar dor como arranhar, puxar ou morder) é uma outra forma que a criança pequena utiliza, para interagir com os seus pares (Carvalho, et al., 1999; Garcia, Almeida, & Gil, 2013; Piccinini, Moura, Ribas, Bossa, Oliveira, Pinto & Chahon, 2001). Esta interação corporal acontece sempre que a criança se aproxima fisicamente, isto é, sempre que se desloca em direção a uma outra criança, encurtando a distância entre si (Alexandre & Vieira, 2004; Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva e Carvalho, 2008).

Para Canastra, Haanstra e Vilanculos (2014), Silva e Menezes (2005) e Sousa e Baptista (2011), observar o tipo de interação que as crianças realizam facilita a reflexão sobre a interação entre pares na infância. Assim, neste estudo, procurou-se identificar e descrever o tipo de interação que predominava entre pares, em contexto de brincadeira livre, na creche.

METODOLOGIA

Este estudo, de índole qualitativo e cunho descritivo e exploratório, procurou identificar e descrever as interações que as crianças entre os 12 e os 24 meses estabeleciam entre si, no momento de brincadeira livre, ao redor e dentro da casinha. Neste sentido, definiram-se os seguintes objetivos: (a) observar as crianças na casinha durante dez minutos, em oito dias; (b) identificar o tipo de interações entre pares na casinha; (c) refletir sobre a interação entre pares no momento de brincadeira livre.

Contexto e Participantes

Este estudo desenrolou-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em contexto de creche (Mestrado em Educação Pré-Escolar do Instituto Politécnico de Leiria), numa Instituição de Solidariedade Social situada no Concelho da Batalha, no ano letivo 2014/2015. Estando a realizar a unidade curricular de Prática Pedagógica, com um grupo de 15 crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses, selecionou-se o K. (21 meses) como participante.

O K., à data da realização deste estudo, revelava-se uma criança capaz de exprimir as suas emoções (chorava quando algo o estava a fazer sentir mal e sorria como forma de agradecer algo) (Papalia & Olds, 2000). Tinha a capacidade de locomoção já desenvolvida, deslocando-se sem auxílio e com equilíbrio, o que facilitava a realização dos movimentos globais (Levada & Costa, 2012). O facto de o K. se deslocar sem auxílio, fazia com que explorasse o meio que o rodeava, indo ao encontro dos seus pares. O K. evidenciava interesse em exprimir-se verbalmente, utilizando pseudopalavras, sons indefinidos, ou a junção de sílabas, como “bebé” (Sprinthall & Sprinthall, 1990).

Instrumentos de recolha de dados

Para recolher os dados optou-se pela gravação de vídeo, uma forma útil de reunir comportamentos espontâneos (Addington-Hall, Bruera, Higginson, & Payne, 2007). Utilizou-se, ainda, um registo escrito,

onde eram elencadas as interações entre pares que eram observadas. Este registo foi útil na medida em que permitiu corroborar e acompanhar as transcrições das gravações de vídeo, auxiliando na decodificação de dados (Máximo-Esteves, 2008). Para além da gravação e do registo escrito, usaram-se registos fotográficos como evidências de eventos que já aconteceram (Calaça & Huber, 2009).

Procedimento

Querendo saber quais as interações que as crianças pequenas estabeleciam entre si, no momento de brincadeira livre, optou-se por selecionar uma criança de 21 meses como participante e a casinha como indutor da observação. Após a definição do problema/objetivos e com a anuência de todos os intervenientes, decidiu-se usar a gravação vídeo para recolher os dados. Esta opção levou a que houvesse um momento para testar o equipamento (Addington-Hall, Bruera, Higginson, & Payne, 2007) antes de recolher os dados nos dias/horas previstos (24, 25 e 26 de novembro, 1, 2, 3, 9 e 10 dezembro de 2014, das 16h horas às 16h10 horas). Pretendendo-se aceder às ações espontâneas das crianças, da forma mais natural possível, optou-se por agir como habitualmente, com as crianças nesses dias/horas/local da sala. Recolhidos os dados, transcreveram-se as gravações e organizaram-se as evidências em quadros, por criança/interação entre díades e/ou tríades de forma a identificar a criança que mais vezes interagiu com os seus pares, nesse momento de observação. Após este primeiro exercício, definiu-se o participante em estudo, as categorias de análise dos dados e procedeu-se à apresentação e discussão dos resultados finais.

Análise de dados

A análise de dados é um procedimento complexo, que auxilia a organização das evidências recolhidas, a fim de obter respostas à curiosidade científica (Gil, 1999, citado por Teixeira, 2003). Neste estudo, a análise visou a identificação de padrões presentes nas transcrições, levando à identificação de categorias. Após esta fase, realizou-se uma análise ao conteúdo, tendo-se em conta as interações entre as crianças, formulando, no final, frequências e percentagens de ocorrência das mesmas. Depois, reorganizaram-se os dados em função das crianças que mais interações realizavam, em cada dia de observação, recolhendo evidências das mesmas para as diferentes categorias de análise: i) interação através do olhar (duas ou mais crianças olham uma para a outra, podendo originar outro tipo de interação, como o toque); ii) interação através do toque (pode envolver um membro, ou o corpo todo - por exemplo, quando uma criança cai, poderá tocar numa outra, com a sua perna, verificando-se uma interação através do toque); iii) interação através da proximidade física (ocorre quando uma das crianças se aproxima de outra, interagindo com ela); iv) interação através das vocalizações (a criança emite algum tipo de som, que é dirigido, através do aparelho vocal, a uma outra criança); v) interação através da disputa de objetos (retirar um objeto a uma criança, ou querer um objeto num certo local, mas uma outra criança não o querer nesse local, originando uma disputa sobre o local onde o objeto deve, ou não, ser colocado); vi) interação através de expressões faciais (sorriso, cara triste/zangado); vii) interação através da imitação (a criança realiza uma ação que observou, advinda de uma outra criança); viii) interação através dos gestos (levantar os braços, acenar ou apontar, interagindo com o par) e ix) interação através da observação de ações (sempre que uma criança observa o seu par, sem imitar as suas ações).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para este trabalho, decidiu-se apresentar os dados das interações que o K. (21 meses) estabeleceu com os seus pares, no momento de brincadeira livre, na casinha, no dia 2 de dezembro de 2014. Optou-se pela apresentação dos dados deste dia/criança, porque se verificaram evidências de todos os tipos de interação definidos para este estudo, durante este dia.

Tabela 1 Evidências das interações realizadas por K., no dia 02.12.2014

Interações	Evidências das interações realizadas por K.	Freq.	%	NOTA
Através do olhar	“K. olha para o A. (...)”; “Ambos [A. e K.] continuam a olhar um para o outro.”; “K. fica a olhar para a M.”; “(…) [M.] continua a olhar para o K.”	4	11	Todas as percentagens foram arredondadas a zero casas decimais.
Através do toque	“A. entra para a casinha e toca nas costas do K. (...)”; “I. olha para trás e bate no K., com a sua mão.”; “K. agarra-lhe a mão [ao I.] (...)”; “(…) I. bate ao K., com a sua mão.”; “K. (...) toca (...) nos (...) dedos [da M.] (...)”	5	14	
Através da proximidade física	“A. agarra o K. e puxa-o para trás.”; “(…) I. (...) desloca-se até ao K. (...)”; “K. aproxima-se do I. (...)”	3	8	
Através de vocalizações	“(…) [A. grita] para o K. (...)”; “(…) [M. imite] sons para este [K.] (“ai ai ai”) (...)”	2	6	
Através de disputa de objetos	“K. (...) leva uma bola, (...) deixa cair a sua bola e A. apanha-a.”; “A. tenta agarrá-la [a bola], mas o K. retira-a, escondendo-a.”; “K. vira-se, esconde a bola e A. continua a tentar tirar a mesma (...)”; “(…) [K.] tenta tirar (...) o (...) brinquedo [ao I.] (...)”; “(…) [K. tira] um dos brinquedos [ao I.]”; “(…) [K. tenta] tirar um dos brinquedos que a [M.] (...) transporta. M. não deixa que essa ação aconteça (...)”; “M. esconde os brinquedos [do K.] atrás das costas (...)”	7	19	
Através da expressão facial	“O K. (...) [e] o A. ambos se riem (...)”; “(…) I. sorrindo [para o K.]”;	2	6	
Através da imitação	“O K. (...) começa a correr, à volta da casinha, o A. corre atrás deste (...)”; “K. dá uma volta à casinha, I. segue-o (...)”	2	6	
Através dos gestos	“A. vai atrás da bola e eleva a sua mão, pedindo a mesma ao K. (...)”; “(…) [K.] estica a mão que tem a bola.”; “(…) [A. estica] a sua mão para retirar a bola [ao K.]”; “K. mexe os seus braços, A. larga-o (...)”; “K. apanha uma bola e desloca-se até à casinha, levando a bola na mão, que está esticada, em direção a A. (...)”; “Ao ver o K., o A. dá um saltinho e estica a sua mão, agarrando a bola, que o K. lhe deu.”; “(…) [K.] deslocando a sua mão até ao I..”	7	19	
Através da observação	“O K. observa-o [ao I.]”; “I. (...) para e observa o K.”; “K. aproxima-se da casinha e M. observa-o (...)”; “E. (...) observa o K. (...)”	4	11	
TOTAL		36	100	

Os dados da tabela 1 apresentam as 36 interações realizadas por K. com quatro crianças diferentes, A., I., M. e E., no dia 2 de dezembro de 2014: i) K. interagiu com a criança A. através olhar, do toque, da proximidade física, de vocalizações, da disputa de objetos, da expressão facial, da imitação e dos gestos (interações verbais e não-verbais); ii) as interações com o I. ocorreram através do toque, da proximidade física, da disputa de objetos, da expressão facial, da imitação, dos gestos e da observação de ações (interações não-verbais); iii) as interações com M. foram através do olhar, do toque, das vocalizações, da disputa de objetos e da observação de ações (interações verbais e não-verbais) e iv) a interação com a criança E. ocorreu através da observação de ações (interação não-verbal). Estas evidências corroboram os dados de Richter e Barbosa (2010), Borges e Salomão (2003) e de Alexandre e Vieira (2004).

De referir que a interação através das vocalizações surge da ação do par com K. pelo que se pode inferir que esta criança, neste dia, interagiu mais através de interações do tipo não-verbal, do que do tipo verbal (Alexandre & Vieira, 2004).

Organizando estes dados por tipologia de interação, elaborou-se a figura 1, que compila as frequências e as percentagens para cada tipo de interação definido.

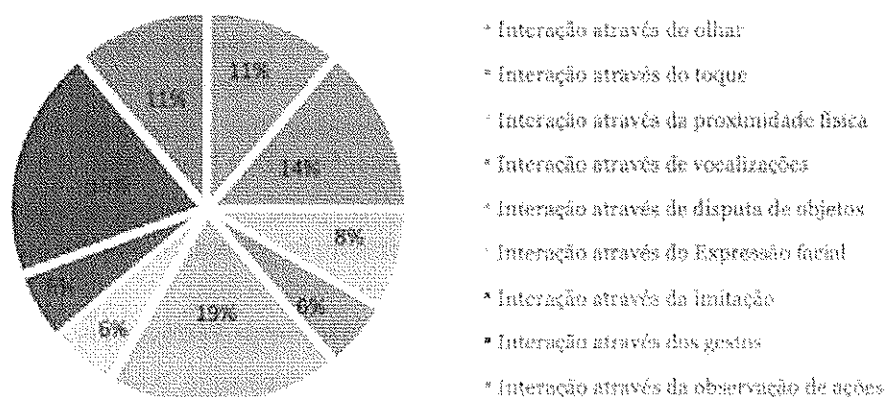


Figura 1 Tipo de interações realizadas por K. no dia 02.12.2014

Os dados da Figura 1 revelam que as interações com menos percentagem se referem à interação através da imitação (6%), da expressão facial (6%) e de vocalizações (6%). A imitação das ações motoras dos colegas revela o desenvolvimento motor de K. (Papalia, Olds, & Feldman, 2009), o que facilita o desenvolvimento global da criança (Bee & Boyd, 2001a). De acordo com Júnior, Sproveiri, Kuczynski e Farinha (1999) e Mendes e Moura (2009), K. não se socorreu, de forma significativa, da expressão facial para manifestar as suas emoções.

A criança interagiu através da proximidade física (8%), encurtando distâncias físicas (Alexandre & Vieira, 2004) e fomentando a construção de laços emocionais entre pares (Bee & Boyd, 2011b).

K. interagiu através do olhar (11%), estabelecendo contato ocular, trocando olhares e observando as ações dos outros (Alexandre & Vieira, 2004). De acordo com Moura e colaboradores (2004), o contato ocular facilita o envolvimento com o outro e com a tarefa. Estas evidências, levam a inferir o interesse de K. nas ações dos pares (França-Freitas & Gil, 2012; Papalia, Olds, & Feldman, 2009).

A interação através do toque/contacto físico (14%) envolveu agressões e afetos, dados corroborados por Carvalho e colaboradores (1999), Garcia, Almeida e Gil (2013) e Piccinini e colaboradores (2001).

Com a maior percentagem, surge a interação através de gestos (19%) e a interação através da disputa de objetos (19%), dados corroborados por Garcia e colaboradores (2013), Sager e colaboradores (2003) ou Papalia e colaboradores (2009). Conforme Basei (2008), a interação através de gestos é a forma de interação mais utilizada pelas crianças quando estas ainda não têm o vocabulário desenvolvido.

Estes dados corroboram a ideia da criança pequena, como um ser competente, que se apropria das ferramentas necessárias, para comunicar com os outros, e levam-nos a va-

lidar o momento de brincadeira livre como indutor do desenvolvimento harmonioso da criança (Papalia, Olds, & Feldman, 2009; Bee & Boyd, 2011a).

CONCLUSÃO

O estudo das interações entre pares, em contexto de creche, tem sido foco de interesse de diversos autores (por exemplo, Mendes & Moura, 2009 ou Rossetti-Ferreira *et al.*, 2008). Visando identificar e descrever o tipo de interação que predominava entre pares, em contexto de brincadeira livre/creche, este estudo procurou contribuir para este âmbito do saber.

Os dados levantados evidenciam o predomínio de interações não-verbais (através do olhar, do toque, da proximidade física, da disputa de objetos, da expressão facial, da imitação, de gestos e da observação de ações) em detrimento de interações verbais (através de vocalizações). Considerando a idade cronológica da criança em estudo (21 meses), estes dados reforçam a ideia da criança pequena como um ser competente que encontra formas diversificadas para comunicar com os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Addington-Hall, J. M., Bruera, E., Higginson, I., & Payne, S. (2007). *Research Methods in Palliative Care*. Oxford: Oxford University Press.
- Alexandre, D. T., & Vieira, M. L. (2004, mai./ago.). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, V.9, N.º2 , pp. 207-217.
- Antunes, E.B., & Rocha, J. (2009). Considerações sobre o desenvolvimento fonológico e desvios da fala no Português. *Cadernos de Comunicação e Linguagem*, V.1, N.º1, pp. 47-60.
- Basei, A. (2008, out.). A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. *Revista Iberoamericana de Educación*, V.47, N.º3, pp. 1-12.
- Bee, H., & Boyd, D. (2011b). *A criança em crescimento*. Porto Alegre: ARTMED.
- Bee, H., & Boyd, D. (2011a). *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: ARTMED.
- Borges, L. C., & Salomão, N. M. (2003). Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, pp. 327-336.
- Calaça, M. C., & Huber, E. R. (2009, set.). Fotografia - Instrumento de registro e alguns efeitos de inovações tecnológicas. *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (pp. 1-8). Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Canastra, F., Haanstra, F., & Vilanculos, M. (2014). *Manual de Investigação Científica da Universidade Católica de Moçambique*. Beira: Instituto Integrado de Apoio à Investigação Científica.
- Carvalho, A. M., Otta, E., Souza, I. J., Simão, L. M., Rodrigues, M. M., Souza, M., Brito, R., Leite, S. Koller, S., & Bussab, V. (1999). O Mundo Social Da Criança: Natureza e Cultura em Ação. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- França-Freitas, M., & Gil, M. (2012, jul.-set.). O Desenvolvimento de Crianças Cegas e de Crianças Videntes. *Revista Brasileira Educação Especial*, V. 18, N.º3, pp. 507-526.
- Garcia, L. T., Almeida, N. V., & Gil, M. S. (2013, jan./abr.). Conflitos e Agressões entre Bebês e Diferentes Atributos de Brinquedos: Um Estudo Experimental. *Interação em Psicologia*, V. 17, N.º 1 , pp. 27-36 .
- Júnior, F. A., Sproveiri, M. H., Kuczynski, E., & Farinha, V. (1999). Reconhecimento facial e autismo. *Arquivo Neuropsiquiatr*, V.57, N.º 4, pp. 944-949.
- Levada, G., & Costa, P. H. (2012, abr./jun.). Estudo da variabilidade das forças de reação do solo na aquisição do andar independente em bebês. Motriz. *Revista de Educação Física* V.18 N.º2, pp. 356-365.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Mendes, D., & Moura, M. (2009). Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, V.9, N.º2, pp. 307-327.

- Meneghini, R., & Campos-de-Carvalho, M. (2003). Arranjo Espacial na Creche: Espaços para Interagir, Brincar Isoladamente, Dirigir-se Socialmente e Observar o Outro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, pp. 367-378.
- Mesquita, R. M. (1997, jul./dez). Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. *Revista Paulista Educação Física*, V.11, N.º 2, pp. 155-163.
- Miranda, J. B., & Senra, L. X. (2012, set. 15). Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana. *O portal dos psicólogos*, pp. 1-16.
- Moura, M. L., & Ribas, A. (2002). Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas. *Estudos de Psicologia*, V.7, N.º2, pp. 207-215.
- Moura, M., Ribas, A. F., Seabra, K. d., Pessôa, L. F., Junior, R. d., & Nogueira, S. E. (2004). Interações Iniciais Mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, V.17, N.º3, pp. 295-302.
- Oliveira, Z. d., & Ferreira, M. C. (1993). O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. *Cadernos de Pesquisa* n.º 87, pp. 62-70.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *O mundo da criança - da infância à adolescência 11ª Edição*. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil.
- Papalia, D., & Olds, S. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: ARTMED.
- Piccinini, C. A., Moura, M. L., Ribas, A. F., Bosa, C. A., Oliveira, E. A., Pinto, E. B., . . . Chahon, V. L. (2001). Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, V. 14, N.º3, pp. 469-485.
- Richter, S. R., & Barbosa, M. C. (2010, jan./abr.). Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. *Educação Santa Maria* V.º 35 N.º1, pp. 85-96.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. d., Silva, A. P., & Carvalho, A. M. (2008). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Sager, F., Sperb, T. M., Roazzi, A., & Martins, F. M. (2003). Avaliação da Interação de Crianças em Pátios de Escolas Infantis: Uma Abordagem da Psicologia Ambiental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, V.16, N.º1, pp. 203-215.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação 4.ª Edição*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Silva, L., Brasil, V., Guimarães, H., Savanitti, B., & Silva, M. (2000, ago.). Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, V. 8, N.º4, pp. 52-58.
- Silva, R. O., & Almeida, M. d. (2013, jan./jun.). Análise da interação verbal na teoria Bakhtiniana. *Revista Eletrônica di Netlli*, V.2, N.º1, pp. 117-127.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha. Lisboa: Lidel.
- Sprinthall, N., & Sprinthall, N. (1990). *Psicologia Educacional*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Teixeira, E. B. (jul./dez. de 2003). A análise de dados na pesquisa científica importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento e, questão*, V.1, N.2, pp.177-201
- Teixeira, H. C., & Volpini, M. N. (2014). A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade* V. 1 N.º1, pp. 76-88.